

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

JORGE LUÍS LOPES ZEREDO

**TRANSCULTURALIDADE TEXTUAL: ANÁLISE DE MANUAIS DE
REDAÇÃO CIENTÍFICA EM JAPONÊS, INGLÊS E PORTUGUÊS**

Brasília – DF

2023

JORGE LUÍS LOPES ZEREDO

**TRANSCULTURALIDADE TEXTUAL: ANÁLISE DE MANUAIS DE
REDAÇÃO CIENTÍFICA EM JAPONÊS, INGLÊS E PORTUGUÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Língua e Literatura Japonesa,
como requisito parcial e insubstituível para a
obtenção do grau de licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino

Brasília – DF

2023

Jorge Luís Lopes Zeredo

**Transculturalidade textual: análise de manuais de
redação científica em japonês, inglês e português**

Banca examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino

Universidade de Brasília – UnB

Examinador: Prof. Dr. Avram Stanley Blum

Universidade de Brasília – UnB

Examinador: Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira

Universidade de Brasília – UnB

RESUMO

Manuais de redação científica são livros didáticos que se propõem a ensinar um estilo de comunicação baseado na clareza e na objetividade. Porém, não se sabe se há uma correspondência entre características linguísticas para esse estilo de comunicação em línguas distintas. Neste trabalho nós compilamos as recomendações para redação científica mais encontradas a partir de uma bibliografia pré-definida. A busca foi feita inicialmente em livros para redação científica em japonês, e em seguida as recomendações linguísticas mais frequentes foram comparadas com as de livros em inglês ou português. Comparamos também, quando presente, o embasamento teórico e prático para tais recomendações. Como resultado, nós encontramos as recomendações de escrever em frases curtas, e de ordenar com coerência as palavras nas frases. Uma terceira recomendação foi descrita, não por aparecer com frequência, mas pela aparente inconsistência entre as línguas: o uso diferenciado de tempos verbais. Observamos também que de uma forma geral o embasamento oferecido nos livros para as recomendações era limitado a alguns exemplos de frases, e sem nenhuma fundamentação científica. Concluimos que os manuais de redação científica fornecem uma vasta quantidade de orientações para comunicações científicas, porém essas orientações são de natureza prática e não têm lastro com estudos científicos que as sustentem. Encontramos inconsistências em algumas características linguísticas entre os idiomas que podem resultar em ambiguidades na percepção dos leitores não-nativos e em situações de tradução.

Palavras-chave

Manuais de redação acadêmica, transculturalidade textual, inglês, japonês, português.

ABSTRACT

Scientific writing manuals are textbooks that aim to teach a clear and objective style of communication. However, it is unclear if there is a correspondence between linguistic characteristics for this style of communication across different languages. Here, we have summarized the most frequently found recommendations for scientific writing from a predetermined selection of books. The search began by looking through books on scientific writing in Japanese. We then compared the most frequent linguistic recommendations to those found in books written in English or Portuguese. If available, we also compared the theoretical and practical basis of these recommendations. As a result, we found the most common recommendations were to write in short sentences, and to order words coherently in sentences. A third recommendation was described, not because it appeared frequently, but because of the apparent inconsistency between languages: the different use of verb tenses. We also observed that, in general, the support offered in the books for the recommendations was limited to a few examples of sentences, and without any scientific basis. We conclude that scientific writing manuals provide a wealth of guidelines for scientific communications; however, these guidelines are practical in nature and lack scientific evidence. We found inconsistencies in some linguistic characteristics between languages, which could result in ambiguities in the perception of non-native readers and in translation situations.

Keywords

Academic writing manuals, textual transculturality, English, Japanese, Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1. Recomendações linguísticas mais recorrentes encontradas nos livros em japonês da bibliografia básica.....	12
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Bibliografia básica usada na pesquisa.....	9
--	---

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
1.2. Objetivo.....	2
2. Fundamentação teórica.....	3
3. Método.....	6
3.1. Escolha da bibliografia básica.....	6
3.2. Seleção de assuntos para descrição e análise.....	6
4. Resultados.....	8
4.1. Caracterização da amostra.....	8
4.2. Características linguísticas da redação científica.....	11
4.2.1. Escrever frases (sentenças) curtas.....	13
4.2.2. Ordenar as palavras com coerência.....	17
4.2.3. Usar tempos verbais para distinguir resultados próprios de resultados publicados anteriormente.....	20
5. Considerações finais.....	26
Referências bibliográficas.....	28

1. INTRODUÇÃO

A redação científica é um estilo de redação que se concentra na transmissão de uma mensagem de forma clara e objetiva. O assunto da redação científica é muitas vezes difícil de explicar e compreender; portanto, é preciso fazer o veículo de comunicação – a linguagem – o mais simples e preciso possível. Entretanto, o uso excessivo de uma linguagem simples e direta pode ter o efeito colateral de soar imaturo e pouco convincente. Se por um lado o cientista deve se esforçar para se comunicar de forma eficaz com o maior público possível, por outro lado, o cientista deve também tentar convencer seus revisores e a comunidade científica em geral da utilidade e confiabilidade de seu trabalho. Portanto, é de suma importância que o cientista aprenda a comunicação de sua especialidade em relação a diversos públicos e utilize a linguagem de acordo com o público com quem ele se comunica.

Vários autores descrevem o “como fazer” da redação científica. Há muitos livros disponíveis sobre esse tópico, em japonês, inglês ou português. Alguns deles estão prontamente disponíveis em formato eletrônico em livrarias on-line, como a Amazon e outras. Seus autores têm formação acadêmica em áreas diversas, mas todos prometem o mesmo objetivo: ensinar maneiras de se comunicar de forma eficaz e eficiente por escrito.

O inglês é o idioma internacional da ciência. A existência de um idioma comum para comunicações internacionais é desejável, e há muitos motivos para esse idioma ser o inglês (DRUBIN; KELLOGG, 2012). Ainda assim, a consequência disso é que os cientistas cujo primeiro idioma não seja o inglês terão que se sobrecarregar com a tarefa de aprender um idioma estrangeiro, além das exigências já suficientemente rigorosas de uma carreira científica (RAMÍREZ-CASTAÑEDA, 2020). No Brasil e no Japão, muitos cientistas que

planejam publicar internacionalmente escrevem seus manuscritos em português ou japonês e depois enviam o trabalho finalizado para tradução. Como o serviço de tradução geralmente é terceirizado, há pouca ou nenhuma comunicação entre as partes, de modo que o produto final é imperfeito e, às vezes, até mesmo inadequado para publicação. Os cientistas que têm um bom domínio do inglês e escrevem seus manuscritos em inglês por conta própria também devem estar cientes de que muitos (se não a maioria) de seus leitores serão pessoas para as quais o inglês é um segundo idioma. Portanto, ter a consciência dos possíveis problemas de tradução pode ajudar a facilitar a comunicação com um público internacional mais amplo.

Embora aprender uma língua estrangeira represente um desafio a mais na trajetória de um cientista, escrever (e pensar) nessa nova língua pode ajudar na criação de frases mais claras e objetivas. Para o cientista, sua consciência das nuances, diferenças e possíveis semelhanças entre a sua primeira e segundas línguas pode possibilitar uma maior eficácia na redação de artigos científicos, produzindo comunicações acessíveis tanto a leitores nativos quanto não-nativos. Neste estudo, analisamos comparativamente as estratégias e os métodos propostos em livros do tipo manual sobre redação científica escritos em japonês, inglês e português.

1.2. Objetivo

O objetivo deste estudo foi compilar as características linguísticas mais frequentes apresentadas em uma lista predefinida de livros sobre redação científica. Buscamos identificar as características mais importantes da redação científica em língua japonesa, e uma possível correspondência dessas características com àquelas do inglês e do português.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conhecimento científico e o próprio método científico são regidos por crenças e pressupostos acerca do que é factual, válido e aceitável. Essas crenças e pressupostos, muitas vezes não explícitas, moldam o rumo das pesquisas, a interpretação dos resultados, bem como a escolha dos próximos tópicos a serem investigados. O que é considerado válido ou aceitável dentro da comunidade científica é fortemente influenciado pelo contexto social, por seus paradigmas estabelecidos, e suas tendências futuras (PENROSE; KATZ, 2010). As expectativas da sociedade em geral também exercem uma influência importante sobre o processo de investigação científica (MAZOV; GUREEV; GLINSKIKH, 2020; UPHAM; SMALL, 2010). Assim, o conhecimento científico não é apenas um produto das descobertas individuais, mas reflete em grande medida as relações sociais na comunidade científica bem como na sociedade em geral.

Ciência é comunicação. A comunicação tem papel central na maneira como os avanços científicos são obtidos, ou, em outras palavras, na maneira como se faz ciência. É razoável pensar que o que importa para a ciência são as hipóteses, os métodos e os resultados de pesquisa. Porém, sem a comunicação dessas hipóteses, métodos e resultados de pesquisa a outros cientistas, não seria possível fazer ciência (PENROSE; KATZ, 2010). É através da comunicação que os cientistas e pesquisadores compartilham descobertas, teorias, métodos e dados, proporcionando não apenas o fortalecimento de uma base de conhecimentos, mas também a abertura de novas perspectivas e abordagens. Portanto, a comunicação não é apenas um catalisador para crescimento do conhecimento – é a comunicação que permite que esse crescimento aconteça.

A comunicação científica, por meio de um rigoroso processo de “revisão por pares”, desempenha um papel fundamental na progressão do conhecimento e na validação das descobertas científicas. A chamada revisão por pares é um sistema de avaliação do trabalho científico feito por especialistas independentes (sem relação com os autores do trabalho), em uma determinada área acadêmica. Esses especialistas (ou “pares”) examinam o trabalho a fim de avaliar a sua qualidade, originalidade, validade, e grau de contribuição para a área (TENNANT, 2018). A revisão por pares está presente em cada etapa da pesquisa científica, desde a proposta de financiamento, apresentação do resumo em congresso, à escrita e publicação do artigo em periódico científico. Em cada etapa, o trabalho do pesquisador é exposto ao escrutínio dos pares, e à aceitação ou rejeição pelos órgãos de fomento, pelos organizadores do congresso, e pelos editores de periódicos (PENROSE; KATZ, 2010). Essa seleção determina quais temas e quais informações circulam pela comunidade científica, e essas informações por sua vez influenciam as percepções, interesses e atitudes dos cientistas.

A construção do conhecimento científico não se resume apenas a fatos individuais, mas à obtenção de um consenso sobre o que constitui um fato válido. Ou seja, a aceitação de ideias científicas depende do convencimento da comunidade científica, e da sociedade como um todo (MATTHEWS, 2022; SLATER; HUXSTER; SCHOLFIELD, 2022). A comunicação científica depende em parte do seu poder de persuasão, ainda que sua principal característica seja a objetividade na transmissão de fatos. Os fatos, por si só, não são suficientes; eles precisam ser interpretados e comunicados de maneira convincente para ganhar aceitação na comunidade científica. Por exemplo, resultados novos de pesquisa em geral devem ser apresentados de forma a se acomodar aos dados já existentes (CURRIE, 2019). Portanto, a comunicação científica é essencial não apenas para transmitir fatos, mas também para moldar e apresentar evidências de maneira persuasiva através de argumentos científicos.

Os argumentos científicos são mais convincentes quando apresentados em observância às convenções de comunicação ditadas pela comunidade científica (PENROSE; KATZ, 2010). Sendo a escrita a principal forma de comunicação científica, dominar os padrões organizacionais e estilísticos da redação científica é essencial para os cientistas. Esse conhecimento capacita o cientista a demonstrar a relevância e a natureza de sua pesquisa para outros cientistas da mesma área (ENSAR; SALLABAŞ, 2016). Ao ingressar na comunidade científica, os pesquisadores precisam gradualmente adquirir conhecimento sobre os padrões de comunicação, e desenvolver a habilidade de escrever de maneira persuasiva, focada em argumentos lógicos e justificativas empíricas, essenciais para a aceitação e reconhecimento de suas descobertas na comunidade científica.

3. MÉTODO

3.1. Escolha da bibliografia básica

Foram selecionados para a bibliografia básica de pesquisa quatro livros em japonês. O critério de seleção foi livros destinados a falantes do japonês sobre a escrita de artigos científicos ou teses (論文の書き方), e que contivessem instruções linguísticas. Os livros em japonês foram obtidos através da loja Kindle Store da Amazon (Japão), em formato digital. Para caracterização da amostra, foram obtidos no sítio da Kindle Store dados de categorização de gênero literário, classificação geral de vendas, avaliação média dos compradores, e número de avaliações. Os livros em inglês ou português foram obtidos de diversas fontes, em formato digital ou impresso. Foram escolhidos livros sobre escrita científica, escrita acadêmica, ou sobre como escrever um artigo científico. Todos os livros faziam parte do nosso acervo pessoal, exceto os livros da bibliografia em português, que foram acessados através da plataforma Minha Biblioteca (BCE-UnB).

3.2. Seleção de assuntos para descrição e análise

Os livros de redação científica em japonês foram usados como ponto de partida. As características linguísticas da redação científica descritas nesses livros foram categorizadas em temas. Os temas que apareceram nos livros em japonês foram listados em uma planilha, e aqueles que estavam descritos em ao menos três livros foram selecionados. Em seguida, os temas selecionados foram pesquisados nos outros livros da bibliografia básica, em inglês e português. Após a comparação com os livros em inglês e português, os itens com correspondência encontrada nos três idiomas foram selecionados para uma análise mais

aprofundada em relação a outros estudos encontrados na literatura. Dessa forma, as características linguísticas comuns aos três idiomas foram registradas e explicadas, em companhia de exemplos e referências.

4. RESULTADOS

4.1. Caracterização da amostra

Em geral os livros de redação científica em japonês nos pareceram excelente fonte de dicas e métodos para a elaboração de comunicações científicas (Tabela 1). Em cada um desses livros, o maior volume de informações dedicava-se ao processo de escrita, às estratégias argumentativas, e às principais formatações de textos científicas (artigos, teses, e relatórios). Em outras palavras, os livros em geral davam mais ênfase à escrita científica do ponto de vista da metodologia do que do ponto de vista da comunicação. Nos livros em japonês, apenas pequenos trechos foram dedicados a aspectos especificamente linguísticos, gramaticais, ou de legibilidade textual. E esses trechos por sua vez traziam pouquíssimas referências ou citações, e raramente algum embasamento científico. A evidência apresentada para sustentar uma instrução linguística consistia primordialmente de exemplos, embora esses exemplos fossem criações do próprio autor, em vez de amostras coletadas de textos científicos reais. Os trechos dedicados a aspectos linguísticos dos livros de redação científica eram acompanhados quase sempre por exemplos, muitas vezes apresentando o “mau exemplo,” e contrastando com a sua correção – ou “bom exemplo.” Um dos livros da bibliografia em japonês não fez nenhuma recomendação de cunho gramatical, exceto uma breve menção a revisar cada frase para confirmar se ficaram claros o sujeito, o predicado e o objeto (KOGUMA, 2022).

Tabela 1. Bibliografia básica usada na pesquisa.

Língua	Título	Primeiro autor	Profissão do autor*	Área de formação do autor	Uso de referências científicas	Classificação na loja Kindle (Japão)	Posição geral de vendas	Avaliação média**	Número de avaliações	Editora	Ano de publicação
Japonês	図解でわかる！理工系のためのよい文章の書き方 論文・レポートを自力で書けるようになる方法	福地 健太郎 (Fukuchi)	Professor universitário	Matemática	Sim	Computers & Technology	62.325	4,2	226	翔泳社	2019
Japonês	基礎からわかる 論文の書き方	小熊 英二 (Koguma)	Professor universitário	Agronomia	Sim	Essay Composition & Writing Skills	23.766	4,3	257	講談社	2022
Japonês	文章ベタな人のための 論文・レポートの授業	古郡 廷治 (Kogun)	Professor universitário	Ciência da computação	Não	Essay Composition & Writing Skills	16.314	3,7	44	光文社	2014
Japonês	「わかりやすい」文章を書く 全技術 100	大久保進 (Ôkubo)	Professor de cursinho	Letras	Não	Business Writing Skills	12.566	3,9	625	クールメ ディア出版	2016
Inglês	English for Writing Research Papers	Adrian Wallwork	Professor de inglês	Letras	Não	-	-	-	-	Springer	2011
Inglês	Publishing Your Medical Research Paper; What They Don't Teach You in Medical School	Daniel W. Byrne	Professor universitário	Bioestatística	Sim	-	-	-	-	Williams & Wilkins	1998
Inglês	Successful Scientific Writing: A Step-by-Step Guide for the Biological and Medical Sciences	Janice R. Matthews	Escritor	Medicina veterinária	Sim	-	-	-	-	Cambridge University Press	1996
Inglês	Success in Academic Writing	Trevor Day	Consultor	Biologia	Sim	-	-	-	-	Bloomsbury Academic	2018
Português	Como escrever um texto científico	Fabio Appolinário	Escritor	Psicologia	Sim	-	-	-	-	Trevisan	2013
Português	Redação de Artigos Científicos	João Bosco Medeiros	Professor de português	Filosofia	Sim	-	-	-	-	GEN	2021
Português	Artigos científicos: Como Redigir, Publicar, Avaliar	Mauricio Gomes Pereira	Professor universitário	Medicina	Sim	-	-	-	-	GEN	2011
Português	Leitura e escrita acadêmicas	Nádia Studzinski Estima de Castro	Coordenadora pedagógica	Letras	Sim	-	-	-	-	SAGAH	2019

* Principal ocupação do autor, conforme informações contidas nas próprias obras (seção “sobre o autor”), ou, quando não disponível, de sítios da Internet (Kindle Store, LinkedIn, Plataforma Lattes). ** Nota máxima = 5,0.

A evidência apresentada pelos autores era de natureza prática, e supostamente baseada em suas experiências profissionais. Observamos que os livros em língua japonesa tinham sido escritos em sua maioria por professores universitários (Tabela 1), mas com formação acadêmica em áreas diversas. Similarmente, os autores de língua inglesa e os de língua portuguesa em sua maioria atuavam profissionalmente no magistério; porém, quanto à área de formação acadêmica, os autores de língua inglesa eram de áreas variadas (medicina veterinária, bioestatística, ou letras), enquanto os autores da língua portuguesa tinham formação acadêmica predominantemente em ciências humanas. Os exemplos encontrados nos livros refletiam a experiência profissional e a formação acadêmica do seu autor. Foram comuns expressões do tipo, “estudantes universitários têm dificuldade em...” ou “meus alunos me procuram para tirar dúvidas sobre...”. Entre a bibliografia básica, apenas um autor ofereceu dados objetivos coletados através de uma enquete própria (BYRNE, 1998).

As citações, quando utilizadas, eram em sua maioria referências a falas de escritores famosos ou cientistas renomados, ou mesmo a provérbios, em vez de referências a evidências científicas. Por exemplo, “A boa prosa é como uma vidraça” (“*Good prose is like a window pane*”), em citação a George Orwell (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996). Com muita frequência foram encontradas citações redundantes a outros manuais de escrita e formatação; por exemplo, “Fazer contas certas é tão importante quanto conhecer a gramática,” em citação ao manual de estilo da Editora Abril (PEREIRA, 2011). Uma das raras menções a dados científicos foi a seguinte: “Ao estudar os trabalhos de 20 grandes escritores (10 de ficção e 10 de não-ficção), Bjelland (1990) descobriu que mais de 75% de suas frases usavam a ordem SVO padrão” (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996). Porém, em uma inspeção mais cuidadosa observamos que este estudo também era proveniente de um livro tipo manual de redação, e não de um periódico científico revisado por pares (BJELLAND,

1990). Muitas das citações a artigos científicos originais referiam-se a estudos da área de neurociências e comportamento. Por exemplo, Fukuchi e Sonoyama (2019), citando dois artigos científicos originais, fizeram a seguinte afirmação: “Quando lemos um texto, usamos o conteúdo do texto que acabamos de ler como uma pista para nos ajudar a dar sentido às palavras que se seguem, vinculando-as às informações adquiridas anteriormente (BRANSFORD; JOHNSON, 1972; CARRELL; EISTERHOLD, 1983)” (「私達は文章を読むとき、そこまで読んできた文章の内容を手がかりにして、続く言葉をそれまでに獲得した情報と結びつけながら理解を進めています (BRANSFORD; JOHNSON, 1972; CARRELL; EISTERHOLD, 1983) 。 」) (FUKUCHI; SONOYAMA, 2019). Embora a maioria dos livros mostrassem longas listas de referências bibliográficas, referências a artigos originais foram raras de encontrar, e mais raro ainda o seu uso para o embasamento teórico de recomendações linguísticas.

4.2. Características linguísticas da redação científica

Após a leitura dos livros em japonês da bibliografia básica, listamos as recomendações linguísticas contidas nesses livros e as agrupamos em grandes temas. As recomendações de “escrever frases curtas” e “ordenar as palavras com coerência” foram as mais recorrentes encontradas nos livros em japonês (Gráfico 1). Seguindo o método planejado, esses dois temas foram procurados nos demais livros da bibliografia básica, em inglês e português, e estudados comparativamente. Os resultados estão descritos abaixo. Durante o estudo desses dois temas, nos chamou a atenção um tema que apareceu de forma muito recorrente nos livros em português e inglês, mas que não foi mencionado sequer uma vez, nem mesmo indiretamente, nos livros em japonês. Além de inexistente nos livros em japonês, as recomendações linguísticas sobre esse tema foram contraditórias quando comparadas entre os

livros em inglês e em português. Esse tema foi “usar tempos verbais para distinguir resultados próprios de resultados publicados anteriormente.” Resolvemos portanto incluir esse tema entre os estudados aqui, buscando referências para a língua japonesa em artigos científicos, com a apresentação primeiro da questão do tamanho de frase; segundo, da coerência na ordem das palavras; e enfim, do uso diferenciado do tempo verbal.

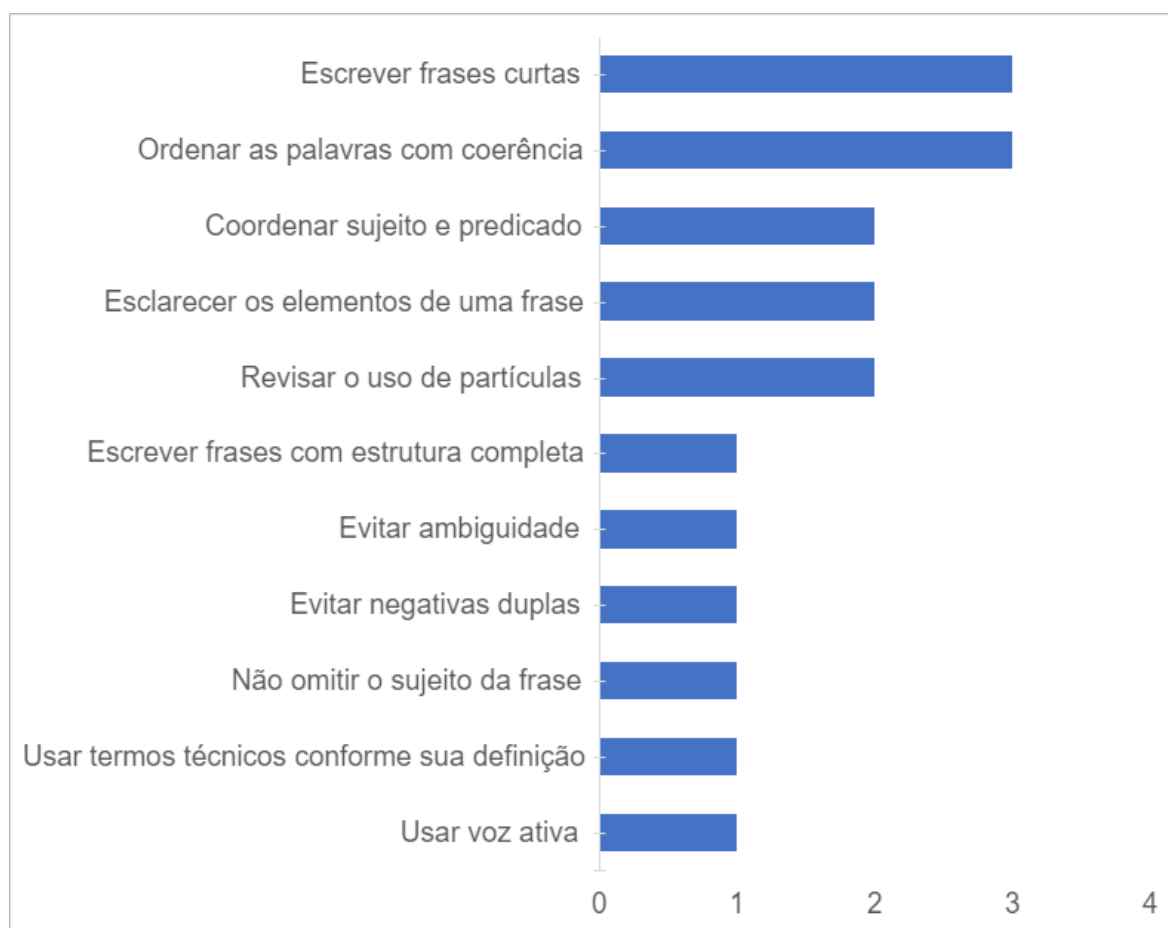


Gráfico 1. Recomendações linguísticas mais recorrentes encontradas nos livros em japonês da bibliografia básica. Entre os quatro livros estudados, “escrever frases curtas” e “ordenar as palavras com coerência” apareceram em três deles.

4.2.1. Escrever frases (sentenças) curtas

Três livros da bibliografia em japonês recomendaram escrever frases curtas. Alguns autores eram taxativos: “Escrever frases curtas é uma das maneiras mais eficazes de escrever textos fáceis de entender” (ŌKUBO, 2016). Outros, não tão entusiastas: “Às vezes é impossível se expressar bem sem usar frases mais longas” (FUKUCHI; SONOYAMA, 2019). Na bibliografia estudada, alguns argumentos foram apresentados para apoiar a recomendação de escrever frases curtas:

- Frases mais longas contêm maior quantidade de informação, portanto são mais difíceis de compreender (ŌKUBO, 2016).
- Frases mais longas tendem a formar uma estrutura mais complexa, o que também dificulta a compreensão do texto (KOGUN, 2014; ŌKUBO, 2016).
- Frases longas são mais difíceis de redigir, portanto tendem a conter mais erros gramaticais (FUKUCHI; SONOYAMA, 2019).
- Exemplos comparativos (bom exemplo versus mau exemplo) (FUKUCHI; SONOYAMA, 2019; KOGUN, 2014; ŌKUBO, 2016).

Entre os três livros onde esta recomendação apareceu, apenas um deles mostrou alguma evidência (além dos exemplos de frases) para justificar a recomendação de frases curtas. Essa evidência foi o fato dos dois livros em japonês mais vendidos no pós-guerra terem sido escrito majoritariamente em frases consideradas curtas. “Os livros que se tornam best-sellers são geralmente fáceis de ler, inclusive o livro mais vendido no Japão desde o fim da Segunda Guerra Mundial, ‘Totto-chan: a menina na janela’ (Tetsuko Kuroyanagi), também tem frases curtas. Muitas das frases têm até 10 caracteres. O segundo livro mais vendido no

pós-guerra, ‘O Caminho’ (Konosuke Matsushita), também tem frases curtas. Por exemplo, vejamos o primeiro capítulo, ‘Caminho.’ O capítulo inteiro é formado de 20 frases, das quais duas tem menos de 10 caracteres. Sete frases têm entre 10 e 20 caracteres, cada. De fato, cerca de metade das frases são compostas de até 20 caracteres. Diga-se de passagem, mesmo na frase mais longa há apenas 42 caracteres.” (「ベストセラーになっている本は、一般的に読みやすいですが、戦後以降で、日本でもっとも売れた本の『窓ぎわのトットちゃん』（黒柳徹子）も、一文が短い。一〇文字以下で出来た文も、多く見られます。戦後２番目に売れた本は『道をひらく』（松下幸之助）ですが、これも一文が短い。試しに、最初の見出し「道」を調べてみる。「道」は、二〇文から出来ていますが、このうちの２文が一〇字未満。一〇字から二〇字未満の文が七文。実に、約半分の文が、二〇字未満ということになります。ちなみに、最も長い文でも四十二字しかありませんでした。」) (ŌKUBO, 2016). (Observação: nenhum dos dois livros citados neste trecho tem tradução para o português. Os títulos em português mostrados aqui são de nossa própria tradução.)

À primeira vista essa evidência parece bastante convincente, mas seriam os best-sellers realmente livros fáceis de ler? O maior best-seller de todos os tempos, a Bíblia Cristã (GUINNESS WORLD RECORDS LIMITED, 2020), não é um livro fácil de ler. Para acreditar nesse argumento, é preciso aceitar que os best-sellers em língua japonesa são livros fáceis de ler. É preciso aceitar também que frases com até 20 caracteres podem ser consideradas frases curtas em japonês. Nós fizemos uma rápida pesquisa em alguns livros didáticos de fisiologia humana em japonês (KOITABASHI, 2001; SAKAI; OKADA, 2005), e encontramos facilmente frases com mais de 60 caracteres. Livros didáticos são livros técnicos, mas direcionados a estudantes, portanto supostamente de fácil leitura. Nós tentamos usar o Chat-GPT 3.5 para obter dados sistemáticos sobre comprimento de frases, mas os resultados não correspondiam com a contagem visual, então desistimos da ideia. Na falta de

dados mais precisos sobre quantidade de caracteres em uma frase, nós encontramos em um dos livros da nossa bibliografia básica em japonês a recomendação de escrever frases que tenham cerca de 40 a 100 caracteres, ou duas a três linhas de texto (KOGUN, 2014), embora sem nenhuma indicação de como esses números foram obtidos. Portanto, pelo menos em relação a textos científicos, frases de até 20 caracteres devem ser de fato curtas. A outra premissa, de que best-sellers em japonês são livros de fácil leitura, nós não conseguimos verificar.

(Observação: textos em japonês quando traduzidos para línguas europeias em geral ficam cerca de 30% mais longos em número de caracteres. O motivo para isso provavelmente se deve ao uso de kanji (ideograma de origem chinesa) na escrita japonesa. Algumas palavras em kanji têm conceitos bastante complexos. Por exemplo, 折角 (*sekkaku*: [advérbio] (1) O estado de se esforçar ao máximo em prol de algo. Esforçar-se para fazer algo que raramente é feito. (2) O estado de dar valor a algo que raramente acontece. (3) Ser cuidadoso. Na melhor das hipóteses). Quando traduzida, essa palavra costuma gerar expressões muito longas.)

Nos livros em inglês, a recomendação de escrever frases curtas também foi recorrente. Entre os quatro livros estudados, dois deles recomendaram claramente escrever frases curtas (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996; WALLWORK, 2011), um recomendou brevidade sempre que possível (BYRNE, 1998), e um apenas alertou que frases longas são mais difíceis de redigir (DAY, 2018). O livro que abordou essa recomendação com mais detalhes (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996), indicou uma meta geral de 15 a 20 palavras por frase, e contraindicou redigir textos consistentemente acima ou abaixo desse comprimento de frase. O mesmo livro continha uma seção sobre o conceito de “*readability*” (legibilidade textual). Na chamada anglosfera (conjunto de países falantes da língua inglesa),

o conceito de legibilidade textual é bem difundido. Legibilidade textual refere-se a índices calculados a partir do tamanho das palavras (em número de sílabas) e comprimento das frases, e servem para estimar o grau de dificuldade de leitura de um determinado texto. Esse conceito não se aplica a textos de natureza técnica destinados a públicos específicos – como é o caso da redação científica – porque não leva em conta o conteúdo dos textos. Textos médicos por exemplo, podem conter palavras longas que são facilmente compreendidas, e textos técnicos podem conter palavras curtas e fáceis de ler mas de difícil compreensão. Não obstante, índices de legibilidade textual são válidos para estimar a acessibilidade de textos técnicos ao público geral (ECHURI et al., 2022; KAYA; GÖRMEZ, 2022; LAPLANTE-LÉVESQUE; THORÉN, 2015). Em resumo, os livros da bibliografia básica em inglês também recomendavam brevidade na construção de frases (assim como os livros em japonês), porém com algumas ressalvas e limitações.

Nos livros da bibliografia básica para o português, a recomendação de redigir frases curtas apareceu explicitamente em apenas dois deles (APPOLINÁRIO, 2013; MEDEIROS, 2022). Nos outros dois a recomendação foi mais no sentido de evitar frases excessivamente longas (CASTRO, 2019; PEREIRA, 2011). Assim como na bibliografia em inglês, encontramos uma recomendação bem específica de redigir frases com até 20 palavras, igualmente sem oferecer nenhum fundamento teórico ou prático, nem mesmo exemplos de frases para comparação (APPOLINÁRIO, 2013). Um dos autores recomendava o uso de frases curtas no início de parágrafo, para indicar a ideia principal daquele parágrafo, mas não necessariamente em todo o texto (CASTRO, 2019). O outro autor alertava para o fenômeno da verborragia, a ser evitado (PEREIRA, 2011). Portanto, os livros da bibliografia em português não davam ênfase à recomendação de frases curtas, embora todos eles tenham

mencionado o tópico de comprimento das frases. Os livros em português chamavam mais a atenção para a possível necessidade de se revisar frases muito longas.

4.2.2. Ordenar as palavras com coerência

A outra recomendação mais encontrada em livros de redação científica em japonês foi a de ordenar as palavras com coerência. Essa recomendação apareceu em três dos quatro livros estudados. Dois deles fizeram essa recomendação em termos de aproximar modificador (修飾語) e modificado (被修飾語), e aproximar sujeito (主語) e predicado (述語) nas frases (FUKUCHI; SONOYAMA, 2019; ŌKUBO, 2016). O outro livro optou por uma abordagem técnica, mostrando os fundamentos da análise sintática da língua japonesa (KOGUN, 2014). Todos os três livros mostravam exemplos de frases gramaticalmente corretas, mas que pela ordenação das palavras davam margem a interpretações ambíguas, e como minimizar tais ambiguidades.

A língua japonesa tende a formar modificadores longos, então foi uma grata surpresa encontrar explicações práticas e detalhadas de como coordenar esses modificadores em um dos nossos livros da bibliografia básica (ŌKUBO, 2016). Para ordenar os modificadores foi sugerida, entre outras, a regra “situação grande para situação pequena” (大状況から小状況). A regra sugere colocar os qualificadores que descrevem os eventos principais antes dos eventos menores. Em outras palavras, os detalhes importantes na frente e os detalhes sem importância atrás. De acordo a regra, isso tornaria as frases mais fáceis de entender.

Exemplo ruim:

午前十時から山手線の上下線で人身事故の影響で、運転を見合わせている。

(Desde das 10 h da manhã, na linha Yamanote em ambas as direções, por causa de um acidente resultando em lesão corporal, o tráfego está suspenso.)

Exemplo de acordo com a regra “situação grande para situação pequena”:

人身事故の影響で午前10時から山手線の上下線で、運転を見合わせている。

(Por causa de um acidente resultando em lesão corporal, desde as 10 h da manhã, na linha Yamanote em ambas as direções, o tráfego está suspenso.)

Outra regra digna de menção é a de usar a “ordem básica das palavras” na língua japonesa (基本的な語順). A ordem das palavras é a sequência de “quando”, “onde”, “quem”, “para quem”, “o que” e “como” (「いつ」「どこで」「誰が」「誰に」「何を」「どうした」).

Exemplo ruim:

タクシーに岡山市内で十九日未明歩行者がはねられる事故がありました。

(Houve um acidente onde um pedestre foi atropelado por um táxi, na cidade de Okayama, na madrugada do dia 19.)

Exemplo seguindo a regra da “ordem básica das palavras”:

十九日未明、岡山市内で歩行者がタクシーにはねられる事故がありました。

(Houve um acidente onde, na madrugada do dia 19, na cidade de Okayama, um pedestre foi atropelado por um táxi.)

(Observação: curiosamente, ambos os exemplos retornaram o mesmo resultado quando inseridos na plataforma DeepL de tradução automática. O resultado para o português

foi: “Um pedestre foi atropelado por um táxi na cidade de Okayama antes do amanhecer do dia 19.”)

Na bibliografia básica em inglês, a maioria dos autores mencionou a importância da ordenação lógica das palavras. Dois pontos principais foram reforçados: trazer o sujeito para o início da frase, e manter sujeito e verbo o mais próximo possível um do outro (DAY, 2018; WALLWORK, 2011). Os argumentos foram variados, sendo alguns bastante convincentes, embora sem citar fontes ou evidências concretas. Por exemplo, um dos argumentos foi o de que os leitores dão mais atenção às áreas antes ou depois de um ponto final, supostamente porque ali há um espaço extra entre uma frase e outra, onde os olhos podem descansar, e também por causa da letra maiúscula no início da frase seguinte, que atrai os olhos do leitor (WALLWORK, 2011). Também devido a esse efeito de atrair a atenção do leitor, o sujeito da frase deve ser escolhido de maneira a enfatizar a informação mais importante que se deseja transmitir (WALLWORK, 2011). Na literatura científica, ao menos um estudo parece dar sustentação a esse argumento (HIROTANI; FRAZIER; RAYNER, 2006). A outra recomendação relacionada a ordenação de palavras na frase referia-se a manter sujeito e verbo próximos um do outro. O argumento foi a dificuldade de interpretação de frases com grande quantidade de informação, onde o sujeito tende a distanciar-se do verbo (DAY, 2018). Para ambos os argumentos, a evidência mais concreta oferecida nos livros foi o contraste entre bons e maus exemplos.

Nos livros em português da bibliografia básica, a questão da ordenação das palavras na frase foi tratada superficialmente. Dos quatro livros estudados, apenas dois mencionaram a ordenação das palavras como um fator a ser considerado (CASTRO, 2019; MEDEIROS, 2022). Um deles mencionou a relação entre as palavras como elementos de coesão e

coerência, para em seguida discorrer sobre redação de parágrafos (CASTRO, 2019). O outro livro meramente citou a ordenação das palavras na frase como mais um ponto a atentar ao escrever um artigo científico: “sintaxe de colocação: distribuição harmoniosa dos termos dentro de um enunciado, para evitar sobretudo confusão de sentido” (MEDEIROS, 2022). Por sinal, a lista incluía ortografia, sinais de pontuação, uso da crase, entre outros. Em ambos os livros, as recomendações sobre ordenação de palavras não foram acompanhadas de frases de exemplo ou qualquer outra evidência.

4.2.3. Usar tempos verbais para distinguir resultados próprios de resultados publicados anteriormente

Embora o método proposto inicialmente para este estudo tivesse sido buscar recomendações linguísticas primeiramente nos livros em japonês, ao longo do desenvolvimento do trabalho uma recomendação nos chamou atenção pelo motivo contrário: estar completamente ausente dos livros em japonês. Recomendações sobre uso de tempos verbais específicos para determinadas situações comunicativas foi um assunto que apareceu em praticamente todos os livros da bibliografia básica em inglês ou português – e em nenhum dos livros em japonês. Esse contraste tão severo nos motivou a incluir a recomendação sobre tempos verbais entre os tópicos deste estudo. Neste tópico mudamos a ordem da apresentação, começando pelas recomendações encontradas nos livros em inglês ou português, e por fim descrevemos o encontrado na literatura científica em japonês sobre esse tema.

Nos livros da bibliografia em inglês, a recomendação quanto a tempos verbais foi bem simples e consistente (i.e., havia concordância entre as diferentes fontes). Na bibliografia em inglês há recomendação para o uso de três tempos verbais basicamente: presente, presente

perfeito, e pretérito (DAY, 2018; MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996; WALLWORK, 2011).

O tempo presente é indicado para fatos que foram publicados na literatura científica e que ainda são atuais e amplamente aceitos.

Exemplo (fatos publicados) (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996):

Several recent reports (2, 3, 6) describe similar findings.

(Vários artigos recentes (2, 3, 6) descrevem achados semelhantes.)

Smith (1975) showed that streptomycin inhibits growth of the disease organism.

(Smith (1975) demonstrou que a estreptomicina inibe o crescimento do patógeno.)

O presente perfeito (*have/has been*) é usado para enfatizar eventos continuados ou repetidos do passado até o presente.

Exemplo (fatos continuados) (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996):

The drug has been shown to produce significant elevations in blood pressure.

(Tem sido demonstrado que o medicamento produz elevações significativas na pressão arterial.)

O tempo pretérito é usado para expressar resultados que não podem ser generalizados, ou resultados que ainda não foram publicados.

Exemplo (resultado não publicados) (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996):

In the study presented here, the drug killed 95% of the M. tuberculosis bacilli.

(No estudo apresentado aqui, a droga matou 95% dos bacilos *M. tuberculosis*.)

Por fim, o tempo presente é usado para direcionar os leitores a elementos do artigo sendo redigido, como figuras, gráficos, e tabelas.

Exemplo (indicação a elementos do próprio artigo) (MATTHEWS; BOWEN; MATTHEWS, 1996):

Antibodies occurred in 11% of our mice, as Table 1 indicates.

(Os anticorpos ocorreram em 11% dos nossos camundongos, conforme indica a Tabela 1.)

Na bibliografia em português, todos os quatro livros faziam recomendações sobre a utilização de tempos verbais para citações e para descrever resultados próprios. Porém as recomendações foram contraditórias de um livro para outro.

Castro (2019) recomenda o uso do tempo presente para introduzir as palavras do autor citado (e.g., alerta, declara, afirma, demonstra, etc.) e o pretérito para mencionar os resultados descritos por esse autor. Essa recomendação contradiz a recomendação encontrada na bibliografia em inglês. Corrigindo um dos exemplos anteriores de Matthews (acima) de acordo com a recomendação de Castro, teríamos o seguinte:

Exemplo de citação segundo recomendação de Castro (2019):

Smith (1975) demonstra que a estreptomicina inibiu o crescimento do patógeno.

Castro (2019) porém concorda com bibliografia em inglês na recomendação de usar o tempo pretérito para descrever o método e o resultado do artigo não publicado.

Appolinário (2013), citando outro autor (CORACINI, 1991), recomenda o uso do tempo verbal pretérito para descrever pesquisas anteriores publicadas, e o tempo presente para descrever resultados próprios não publicados. Essa recomendação é exatamente o oposto da encontrada na bibliografia em inglês.

Medeiros (2022), também citando outro autor (KOCH, 2021), recomenda a utilização de tempos verbais de acordo com duas situações comunicativas: “comentário” e “narração” (ou relato). O “comentário” estaria relacionado entre outras coisas a ações atemporais (“a Terra gira em torno do Sol”), sendo portanto descrito no tempo presente. Já a “narração” exprimiria a noção de cronicidade, sendo portanto adequadamente descrita no tempo pretérito. Embora não sejam apresentados exemplos específicos, essa forma de recomendação parece estar de acordo com a bibliografia em inglês.

Pereira (2011) foi o mais claro e objetivo de todos os livros em português em relação a esse tema. Sua recomendação é exatamente a mesma da descrita na bibliografia em inglês. Ou seja, tempo presente para fatos aceitos pela comunidade científica (i.e., publicados), e o pretérito perfeito para informar o que foi pesquisado e encontrado na pesquisa sendo redigida no artigo. No seu livro são oferecidas explicações em palavras e alguns exemplos práticos dessas situações.

Na bibliografia em japonês, não encontramos nenhuma recomendação em relação ao tempo verbal para a redação científica. Fizemos, então, uma breve busca por artigos científicos sobre esse tema na plataforma J-STAGE. A J-STAGE é uma plataforma de periódicos eletrônicos operada pela Agência de Ciência e Tecnologia do Japão (JST), e

oferece acesso a mais de 3.000 periódicos, anais de conferências e outras publicações de mais de 1.500 organizações editoriais do Japão. Para essa busca, utilizamos as palavras-chave 論文 (artigo ou tese) e 時制 (tempo verbal), ou 論文の書き方 (como escrever artigos ou teses) e 時制 (tempo verbal) e excluindo 定時制 (sistema escolar de período parcial). Em seguida filtramos por artigos completos em japonês. Entre as 100 primeiras ocorrências identificamos três artigos sobre redação de artigos ou teses. Os dois primeiros preconizavam regras para a escrita de artigos originais (SOCIEDADE PARA ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO, 1994; TAKIZAWA, 1980) e um terceiro tratava especificamente sobre o uso de tempos verbais em redações de alunos de um curso superior (KANEKO, 1999). Entre os artigos sobre regras para redação, em um deles (TAKIZAWA, 1980) a recomendação quanto ao uso de tempos verbais foi idêntica à que encontramos na bibliografia básica em inglês. Especificamente, foi indicado o uso do tempo pretérito para descrever os materiais e métodos, o tempo presente para apontar dados em tabelas e figuras, pretérito para descrever resultados obtidos, e o tempo presente para descrever estudos anteriores (TAKIZAWA, 1980). Porém, Takizawa (1980) adverte que o uso do presente, passado e futuro nas frases em japonês é relativamente ambíguo, e que por essa razão é muitas vezes difícil saber qual deles utilizar – sua descrição reflete a sua forma pessoal de uso dos tempos verbais (「日本文の現在・過去・未来の使い方は、比較的あいまいである。そのため、使い分けに迷うことが多い。私なりの使い方を後記する。」) (TAKIZAWA, 1980). No outro artigo, a recomendação foi para o uso do tempo presente de uma maneira geral, incluindo métodos e resultados próprios, e o pretérito para condições experimentais específicas ou eventos históricos (SOCIEDADE PARA ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO, 1994). O terceiro artigo foi um estudo sobre “artigos originais” (simulados) escritos por alunos do terceiro ano de um curso de fisioterapia (KANEKO, 1999). Os artigos de 42 alunos foram analisados em relação ao uso correto do tempo verbal na seção de métodos. Era esperado o uso do tempo pretérito (corroborando portanto com o preconizado

pela bibliografia em língua inglesa). Surpreendentemente, apenas 9 alunos (21%) foram capazes de usar o tempo verbal correto em todas as suas frases. 26 alunos (62%) erraram o tempo verbal em mais de 50% de suas frases, entre os quais 11 alunos (26%) erraram sistematicamente 90% ou mais frases. Nos foi mais surpreendente ainda a discussão levantada pelo autor sobre esse resultado. O autor ponderou que 1) a ambiguidade na expressão dos tempos verbais é uma característica da própria língua japonesa, e não deve ser vista como um problema da capacidade individual de escrita dos alunos; e 2) com o ensino na língua inglesa era esperado que os alunos de hoje tivessem adquirido a capacidade de usar os tempos presente e pretérito na escrita em japonês. O ponto #1 foi surpreendente porque esses alunos tinham recebido instrução durante o curso sobre como escrever artigos científicos (e supostamente teriam sido instruídos a usar os tempos verbais de acordo com o preconizado pelo autor). Ainda assim, o autor não ignora a influência da percepção linguística como uma característica natural dos alunos. O ponto #2 foi surpreendente porque aceita a influência do ensino da língua inglesa sobre a expressão linguística materna dos alunos (o japonês). Infelizmente, o artigo traz apenas duas referências bibliográficas, e mesmo através de buscas subsequentes por palavras-chave não conseguimos encontrar outros artigos semelhantes ou que fizessem referência a este. Em resumo, a utilização de tempos verbais foi um tema que nos chamou muita atenção pela heterogeneidade e aparente disparidade de interpretações entre os livros de redação científica nas três línguas estudadas neste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros de redação científicas não são científicos. A literatura de redação científica pode ser valiosa como guia prático e de fácil acesso. Seu propósito é oferecer orientação prática para a escrita científica, embora muitas vezes sem uma base científica consolidada.

Numa era em que a inteligência artificial pode reescrever e editar textos, seguindo parâmetros específicos e detalhados, fica cada vez mais evidente a necessidade de estudos objetivos que orientem não apenas a estrutura e o estilo das comunicações científicas, mas também um modelo de comunicação eficaz. Pesquisas comportamentais, de neurociência, e de corpus podem oferecer novas perspectivas sobre a forma como lemos e escrevemos, e isso será fundamental para estabelecer princípios sólidos e cientificamente embasados para a redação científica.

A clareza da linguagem para a comunicação científica continua a ser um desafio. Atravessar fronteiras linguísticas e culturais, preservando-se o significado do conteúdo, é uma tarefa complexa, especialmente em um cenário onde a comunicação científica global se dá majoritariamente em língua inglesa, por pessoas cuja primeira língua não é o inglês. A compreensão das sutilezas linguísticas e das diferenças entre duas ou mais línguas pode aprimorar significativamente a comunicação com um público diversificado, mas também exige esforço adicional por parte dos cientistas.

A análise comparativa das características linguísticas em diferentes línguas pode proporcionar uma visão mais ampla sobre como cada cultura científica aborda a redação. Nos livros de redação científica, enquanto algumas recomendações aparecem de forma bastante

consistente, outras apresentam lacunas ou até mesmo contradições. Neste estudo, pudemos observar que o uso de tempos verbais para distinguir resultados próprios de resultados já publicados, por exemplo, revela divergências significativas entre as abordagens em inglês, português, e japonês.

Entre as principais limitações deste estudo, não podemos deixar de mencionar que a bibliografia básica foi muito limitada. A amostra consistiu de apenas quatro livros para cada idioma, e apenas três idiomas. É razoável considerar que se esse mesmo estudo fosse feito com base em uma bibliografia mais ampla, os resultados poderiam ser diferentes dos apresentados aqui. Além disso, dois livros da bibliografia em inglês eram consideravelmente mais antigos que os demais, portanto poderiam conter informações desatualizadas. Embora o método de escolha da literatura básica tenha obedecido critérios de conveniência (i.e., livros provenientes de livrarias e bibliotecas digitais), a bibliografia acessada reflete as condições de estudo e a disponibilidade de informações de muitos estudantes e cientistas brasileiros.

Embora os manuais de redação científica forneçam diversas orientações, é essencial considerar sua natureza prática e, muitas vezes, não científica. Para avançar na qualidade da redação científica, é necessário um olhar crítico que combine a experiência prática, com pesquisas embasadas em evidências, visando aprimorar não apenas a clareza e objetividade, mas também a integridade e precisão das comunicações científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, F. **Como escrever um texto científico: teses, dissertações, artigos e TCC**. São Paulo, SP: Trevisan Editora, 2013.

BJELLAND, H. **Writing better technical articles**. Blue Ridge Summit, PA: TAB Books, 1990.

BRANSFORD, J. D.; JOHNSON, M. K. Contextual prerequisites for understanding: Some investigations of comprehension and recall. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v. 11, n. 6, p. 717–726, dez. 1972.

BYRNE, D. W. **Publishing your medical research paper: what they don't teach in medical school**. Baltimore, MD: Williams & Wilkins, 1998.

CARRELL, P. L.; EISTERHOLD, J. C. Schema Theory and ESL Reading Pedagogy. **TESOL Quarterly**, v. 17, n. 4, p. 553, dez. 1983.

CASTRO, N. S. E. DE C. ET. **Leitura e escrita acadêmicas**. Porto Alegre, RS: SAGAH, 2019.

CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. Campinas, SP: Pontes, 1991.

CURRIE, A. Creativity, conservativeness & the social epistemology of science. **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, v. 76, p. 1–4, ago. 2019.

DAY, T. **Success in academic writing**. Second Edition. London: Palgrave, 2018.

DRUBIN, D. G.; KELLOGG, D. R. English as the universal language of science: opportunities and challenges. **Molecular Biology of the Cell**, v. 23, n. 8, p. 1399–1399, 15 abr. 2012.

ECHURI, H. et al. Readability and Variability Among Online Resources for Patella Dislocation: What Patients Are Reading. **Orthopedics**, v. 45, n. 2, p. e62–e66, 2022.

ENSAR, F.; SALLABAŞ, M. E. Understanding Scientific Texts: From Structure to Process and General Culture. **The International Journal of Environmental and Science Education**, 2016.

FUKUCHI, K. 福地健太郎; SONOYAMA, T. 園山隆輔. 図解でわかる!理工系のためのよい文章の書き方: 論文・レポートを自力で書けるようになる方法. 東京: 翔泳社, 2019.

GUINNESS WORLD RECORDS LIMITED (ED.). **Guinness world records 2021**. London: Guinness World Records Limited, 2020.

HIROTANI, M.; FRAZIER, L.; RAYNER, K. Punctuation and intonation effects on clause and sentence wrap-up: Evidence from eye movements. **Journal of Memory and Language**, v. 54, n. 3, p. 425–443, abr. 2006.

- KANEKO, S. 金子誠喜. 学生の作成文章に見られる問題について：文の時制に関して. 日本保健科学学会, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.24531/jjhs.1.2_210>.
- KAYA, E.; GÖRMEZ, S. Quality and readability of online information on plantar fasciitis and calcaneal spur. **Rheumatology International**, v. 42, n. 11, p. 1965–1972, nov. 2022.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2021.
- KOGUMA, E. 小熊英二. **基礎からわかる論文の書き方**. 東京: 講談社, 2022.
- KOGUN, N. 古郡 廷治. **文章ベタな人のための論文・レポートの授業**. 東京: 光文社, 2014.
- KOITABASHI, K. 小坂橋喜久代. **からだの構造と機能：日常生活行動を支える身体システム**. 東京: 学習研究社, 2001.
- LAPLANTE-LÉVESQUE, A.; THORÉN, E. S. Readability of Internet Information on Hearing: Systematic Literature Review. **American Journal of Audiology**, v. 24, n. 3, p. 284–288, set. 2015.
- MATTHEWS, J. R.; BOWEN, J. M.; MATTHEWS, R. W. **Successful scientific writing: a step-by-step guide for the biological and medical sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MATTHEWS, M. R. Thomas Kuhn and Science Education: Learning from the Past and the Importance of History and Philosophy of Science. **Science & Education**, 13 dez. 2022.
- MAZOV, N. A.; GUREEV, V. N.; GLINSKIKH, V. N. The Methodological Basis of Defining Research Trends and Fronts. **Scientific and Technical Information Processing**, v. 47, n. 4, p. 221–231, out. 2020.
- MEDEIROS, J. B. **Redação de Artigos Científicos**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas Ltda, 2022.
- ŌKUBO, S. 大久保 進. 「わかりやすい」文章を書く全技術 100. 東京: クールメディア出版, 2016.
- PENROSE, A. M.; KATZ, S. B. **Writing in the sciences: exploring conventions of scientific discourse**. 3rd ed. New York: Pearson Longman, 2010.
- PEREIRA, M. G. **Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan Ltda, 2011.
- RAMÍREZ-CASTAÑEDA, V. Disadvantages in preparing and publishing scientific papers caused by the dominance of the English language in science: The case of Colombian researchers in biological sciences. **PLOS ONE**, v. 15, n. 9, p. e0238372, 16 set. 2020.
- SAKAI, T. 坂井建雄; OKADA, T. 岡田隆夫. **解剖生理学**. 第7版. 東京: 医学書院, 2005.
- SLATER, M. H.; HUXSTER, J. K.; SCHOLFIELD, E. R. Public Conceptions of Scientific Consensus. **Erkenntnis**, 18 jul. 2022.

SOCIEDADE PARA ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO, 照明学会論文委員会・英文誌委員会. 論文の書き方. **Journal of the Illuminating Engineering Institute of Japan**, v. 78, n. 2, p. 119–122, 1994.

TAKIZAWA, T. 滝沢 隆安. 論文の書き方. **Veterinary Science and Statistical Methods**, v. 1980, n. 4, p. 29–34, 1980.

TENNANT, J. P. The state of the art in peer review. **FEMS microbiology letters**, v. 365, n. 19, p. fny204, 1 out. 2018.

UPHAM, S. P.; SMALL, H. Emerging research fronts in science and technology: patterns of new knowledge development. **Scientometrics**, v. 83, n. 1, p. 15–38, abr. 2010.

WALLWORK, A. **English for writing research papers**. New York: Springer, 2011.